

## POÉTICA: TRADIÇÃO E MODERNIDADE

De forma objetiva e clara, os autores de *Poética: Tradição e Modernidade*, Antonio García Berrio e Teresa Hernández Fernández, nos apresentam os mais relevantes eixos de desenvolvimento da poética na história e seus teóricos mais expressivos. Mostram também "a unidade tradicional de uma disciplina, ao mesmo tempo antiga e renovada, que continua sendo central para a consideração crítica das obras literárias".

Este livro é constituído por duas partes. Na primeira, Poética Tradicional, encontram-se delimitadas as fases de recuperação do pensamento histórico, conceitua-se a poética e se faz um estudo desse conceito nos vários períodos: Renascimento, Romantismo, entre outros. Na segunda, Poética Moderna, vemos analisadas a teoria da língua poética, na qual são abordadas escolas e tendências; bem como a teoria dos gêneros literários, em que se deslindam, entre outros tópicos, a épica, lírica e dramática; o romance, gênero da modernidade literária; e outros gêneros de prosa: a argumentação ensaística, a prosa doutrinária e a oratória.

Eis uma obra, enfim, de interesse tanto para o iniciante para os professores e estudiosos do assunto.

Littera Mundi

## O Corimbo

Hilda Agnes Hübner Flores

Um dos jornais mais significativos que circularam no Rio Grande do Sul, e talvez no Brasil, foi o *Corimbo*. Dirigido pelas irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro,<sup>1</sup> circulou na cidade portuária de Rio Grande, RS, de 1883-1943, alimentando a literatura e a história por seis décadas.

A coleção mais completa encontra-se na Biblioteca de Rio Grande, onde o primeiro número disponível, de jun./1885, informa que o semanário nasceu a 21.10.1883, tamanho folha de ofício. De 6.1885-9.1888 passou a mensal, 16 páginas, tamanho meio ofício. De 2.1894-1.11.1904 circulou como semanário de 4 páginas, com propaganda na última. De 20.2.1905-25.2.1910, foi quinzenal, 4 ou 8 páginas. Após interrupção, circulou quinzenal de 10.1913-31.8.1927, 4 páginas e propaganda na última. Com a morte de Julieta, 1928, passou a semanal; mensal ou bi-mensal de 1939-1943, acompanhou dificuldades inerentes à idade avançada de Revocata.

A partir de 1.10.1898 as duas irmãs constam como redatoras. Com a morte de Julieta, Revocata manteve o cabeçalho: "Proprietárias fundadoras: Revocata Heloísa de Mello e Julieta de Mello Monteiro. / Redatora: Revocata Heloísa de Mello."

<sup>1</sup> Revocata (Porto Alegre, 31.12.1958?-Rio Grande, 23.2.1944) e Julieta (Porto Alegre, 30.10.1960-Rio Grande, 27.1.1928) eram filhas do comerciante João Corrêa de Mello e da poetisa Revocata dos Passos Figueiroa e netas de Manoel dos Passos Figueiroa, jornalista do período farroupilha. Em conjunto publicaram os dramas: *Coração de mãe*/1911 (encenado), *Berilos*/1911 (encenado) e *Mário*. Revocata foi redatora do *Diário* de Pelotas e colaborou no jornal *A Mocidade*, na *Rev. do Partenon Literário*/1874, *O Combatente* de S. Maria, o *Almanaque Literário e Estatístico do RS* e *La Fonde* de Paris. Publicou *Folhas errantes*/1882, RJ (poesia) e *Grinalda de noite* (drama).

Julieta redigiu a *rev. Violeta*/1878-79, colaborou no *Almanaque Popular Brasileiro*/1897, em *A Tribuna do Povo*, *Interrogação*, *Almanaque Literário e Estatístico do RS*, *Tribuna* de Montevidéu, *Pátria Ilustrada* de Buenos Aires, *Almanak de Senhoras* de Lisboa e *La Fonde* de Paris. Publicou: *Prelúdios*/1881 (poesia), *Oscilantes*/1891 (sonetos), *Alma e coração*/1898 (contos), *Tabernáculo* (versos), *Notado no céu* (drama encenado em Porto Alegre) e *O segredo de Marcial* (drama encenado em Rio Grande); *Terra sáfara*/1929, Rio Grande (poesia, póstumo).

O *Corimbo* nasceu à época do surgimento do positivismo entre nós. Júlio de Castilhos, ao assumir o governo estadual, em 1893, impôs os princípios positivistas ostentados na bandeira republicana: *Ordem e progresso*. Progresso a ser atingido pela industrialização e uma nova ordem moral a ser implantada com a mulher guindada a “rainha do lar”, pois, vulnerável aos sentimentos, não poderia estar exposta aos perigos do mundo exterior, do domínio do homem.

Foi um duro golpe na caminhada intelectual feminina. Para se adequar, as irmãs Melo assumiram posição conservadora, defendendo, por exemplo, a necessidade de instrução para a mulher, não como meio de exercer alguma atividade profissional, mas para serem filhas exemplares, boas esposas e mães zelosas.

Mas houve umas poucas intelectuais que lograram reagir, como a rio-pardense Ana Aurora do Amaral Lisboa, que estreou na literatura em 1895 com “Minha defesa”, uma crítica ao processo que lhe foi movido por um opositor político; em 1900 editou “Preitos à liberdade”, poesias de crítica ao governo constituído e de exaltação às lideranças revolucionárias de 1893. Sua pertinácia de publicar na imprensa poesias de teor contestatório, ao longo das décadas, ajudou a manter vivo o clima de belicosidade que redundou na Revolução de 1923. Ana foi colaboradora do *Corimbo*, com artigos da educadora notável que foi. Para ela a escola era o “laboratório onde se opera a transformação do cérebro inconsciente em cérebro pensante”.

Tendo por meta “cultivar as letras, as ciências e a luz”, as redatoras do *Corimbo* procuraram manter neutralidade ante acontecimentos históricos importantes. A abolição foi acolhida como um ato humanitário, com poesias e crônicas abolicionistas, mas a proclamação da República passou quase despercebida. A sangrenta Revolução de 1893 mereceu crônicas “neutras” de Julieta, como “Paz” e “Os heróis”, em 1894, mas após a morte de Castilhos houve duradouras manifestações simpáticas aos revolucionários. A I Guerra Mundial motivou referências ao exemplo alentador das mulheres europeias, obrigadas a ocupar o lugar dos homens tomados. As Revoluções de 1923 e 1930 passaram praticamente despercebidas; em 30 Getúlio Vargas recebeu poesias laudatórias. O voto feminino mereceu matéria favorável entre 1918-28, quando transitavam projetos no Congresso Nacional; quando foi concedido, em 1932, Revocata, inconsolável com a perda recente da irmã, não se pronunciou, nem tão pouco em 1937, quando da implantação do Estado Novo que suprimiu o voto feminino. A II Guerra Mundial encontrou Revocata idosa e enfermeira de sorte que a hecatombe mundial passou longe do *Corimbo*, que tem seu derradeiro

número conhecido em novembro de 1943. Nesse canto de cisne Revocata anuncia o surgimento, em Porto Alegre, da Academia Literária Feminina, que tem as irmãs Mello entre suas patronas.

O *Corimbo* trabalhou no sistema de permuta de jornais. Para se ter uma idéia, só nos números de julho/agosto/setembro de 1885 anunciaram o recebimento de: *O Operário*, *O Brasileiro* e *Democracia* de SP; *A Revista* e *O Correio* de Santos, SP; *A Gazeta* de Taubaté, SP; *O Rio Branco* de Pirassununga, SP; *A Folha Paulistana* (abolicionista); *O Século*, *A Violeta*, *O Povo*, *A Estação* (jornal de modas) e *A Semana* do RJ; *O Regenerador* da BA; *O Pitangui* de MG; *Diário* de Bagé, *O Porvir* de Livramento, *Gazeta do Norte* de S. Maria, *O Pharol* de Cachoeira, *Discussão* de Pelotas; *O Campeão Lusitano*; *Mercantil*; *Athleta*; *O Ganganelli*. Ao longo dos anos o *Corimbo* arrolou centenas de periódicos recebidos, do país, de Montevidéu, Buenos Aires, Lisboa e Itália, bem como muitos livros nacionais e estrangeiros, num testemunho da grande abrangência do periódico.

Seu temário predominante eram poesias, crônicas e seriados de colaboradores/as. Houve também os necrológios laudatórios de vultos de destaque como o político Venâncio Aires; o literato Vitor Hugo; o poeta Valentim da Costa do RJ (1885); Manoel Luiz Osório (1887); o médico da Revolução/1893, Ângelo Dourado, autor de *Voluntários do martírio* (1909); a correspondente de Buenos Aires, Agostina Guizzardi; a teatróloga Anália Franco (1909); o homeopata Ferdinando Martino (1910), que em 1901 submeteu sua noiva a 24 itens de total sujeição, como condição para o casamento (contrato publicado pelo *Corimbo*).

Desde a virada do século o 1º de maio foi referendado com artigos e poesias. A língua esperanto recebeu promoção ao longo de anos. A moda teve seção duradoura, embora não contínua. Desde 1906, e até 1943, Revocata reverencia os vultos revolucionários de 1893 e também líderes farroupilhas. A seção Variedades informa sobre eventos sociais (eleição da Miss Brasil/1930, Yolanda Pereira, o Dia das Mães (1923), vida de clubes, viajantes, conselhos de saúde...).

Instrução e educação são temas prioritários do *Corimbo*. Colaboração de dezenas de articulistas permite acompanhar as várias linhas de pensamento e a evolução do tema. A educação se processava no recinto do lar, afeta à mãe, que prepara os filhos homens para se tornarem cidadãos prontos a acudir à pátria em perigo e capazes de prover o sustento da família, enquanto a menina era educada para as lides domésticas, repetindo o papel materno. Já a instrução era tarefa sistemática da escola, com ensino diferenciado para meninos e meninas. As irmãs Melo, embora trabalhando elas

próprias, reivindicavam instrução primária para as meninas apenas com vistas a seu preparo para as atividades domésticas. Artigo de out./1886, quando o analfabetismo no Estado girava em torno de 74%, vê a instrução como “a tempestade revolucionária que derroca privilégios egoísticos [...] ilumina as míseras choupanas dos infelizes e muda-lhes a condição”.

A intelectual Ignez Sabino,<sup>2</sup> pernambucana radicada no Rio de Janeiro, coloca a mulher “Na arena”, face ao novo papel que lhe estava destinado: estudar para desenvolver seu talento e ter acesso à imprensa. Consonante com a axiologia de seu tempo, identifica saber com moral: “A mulher que cultiva as letras, o belo, tem mais susceptibilidade, sente a alma mais propensa ao bem, tornando-se assim aliada da Moral, que cicia ao ouvido a virtude, que eleva o amor, fazendo-a honesta pelo espírito” (Corimbo, 24 e 31.5.1896).

Já a conservadora Marinha Noronha idealiza a mulher como um barco solidamente construído – leia-se instruída, virtuosa e forte – para resistir intacta às tempestades da vida e poder orientar os que a rodeiam. A maior paga são os filhos-bons-cidadãos que ela forma (1.11.1905).

Alimentando as opiniões diversificadas, Maria Bodin, em “Solidariedade humana”, 1º.7.1908, acusa a sociedade por não aceitar o trabalho da mulher, ensejando que ela resvale, às vezes por uma questão de fome, para a vida cortesã da qual a perfídia humana não a deixa sair: “Elas [as cortesãs] são como nós, virgens e esposas, vítimas da triste situação em que a sociedade coloca a mulher, negando-lhe o direito de exercer um grande número de profissões [fechando-lhe] os estabelecimentos científicos, institutos industriais, comerciais e outros...”

Alvarenga Fonseca, em “A mulher na vida pública”, 1.1917, admite atividades profissionais além do magistério, pois, havendo muita professora poucas serão as aulas e a remuneração ínfima... Pior que o magistério, “as profissões domésticas são positivamente miseráveis, pois costurando, cozinhando, lavando ou engomando, (a mulher) pouco mais conseguirá que o absolutamente indispensável para comer e não andar despida; talvez nem dê para pagar o teto”.

José Oititica em “O surto feminino”, 30.4.1919, critica a sociedade por impor múltiplas barreiras ao desenvolvimento da mulher: “Vem o padre e ameaça: não ousais estes apelos, ide rezar à igreja, confessai-vos, não vos deixeis tentar de Satanás. Vem o positivista e exor-

ta: lugar da mulher é no lar, quer se de mente pouca, submissa ao marido e ao sacerdote, muito recatada, muito vergonhosa, muito não me toques, lendo o catecismo e ensinando a filharada. Vem a bisavó e arenga: moça que sai sozinha é sirigaita; de onde veio essa moda de agora, mulher advogada!”.

Mariana Coelho, portuguesa radicada com educandário em Curitiba, defende a proposta da “Escola Nova”: educação para a mulher, pois aos homens convém manter a mulher na ignorância por temor da concorrência. Fundamenta seu artigo com estatísticas dos avanços femininos atingidos em outros países (“A fraternidade e a escola”, 31.7.1920, 15.8.1920 e 31.1.1923).

A morte de Julieta, em 1928, desarvora a irmã, que cria a seção “Do meu diário de dor” e a mantém em caráter perene até o ocaso do *Corimbo*, que apresenta uma fase de decadência. Salvam-no os articulistas colaboradores.

Em 1933 surge a primeira abordagem pedagógica, expondo as dificuldades decorrentes da sala de aula com 45 alunos, onde é difícil atender aos interesses e curiosidades dos alunos. Condena-se “A ortografia” portuguesa imposta por decreto. Em 1935 o jornal reporta ao Círculo Brasileiro de Educação Sexual, presidido por Dr. José de Albuquerque, autor de *Educação sexual pelo rádio e Exame pré-nupcial* – dois temas de envergadura no trato das novas concepções dos problemas sociais, pertinentes principalmente à mulher. A História surge como disciplina formadora, enquanto o cinema é visto como fator de corrupção moderna. Em 1942, a tecnologia da máquina de escrever é mal vista pois não transmite (numa carta) os sentimentos da alma como o faz a letra cursiva...

Concluindo, este ligeiro apanhado procura mostrar como o *Corimbo* foi veículo e testemunho de importantes mudanças históricas e literárias ocorridas desde o final do séc. XIX e até a II Guerra Mundial. Acompanhou de perto, com posição dualista, a lenta evolução da emancipação feminina, só atingida mais efetivamente após o ocaso do *Corimbo*, com o surgimento de Faculdades acessíveis à mulher, que tornaram viáveis seu preparo profissional necessário à sua emancipação econômica.

Sobre o assunto leia-se, da autora:

*Corimbo*. Coleção disponível na Biblioteca de Rio Grande, RS.

*Corimbo e educação*, in RS: *Educação e sua história*, publicação do Círculo de Pesquisas Literárias. Porto Alegre: Plátano, 1998, p. 43-52.

*Corimbo e feminismo*, in *Continente Sul Sur*. Rev. do IEL. Porto Alegre: IEL, 1998, p. 245-258.

<sup>2</sup> Colaboradora do *Corimbo* de 1896-1908. Seu *Mulheres ilustres do Brasil* foi reeditado pela Ed. Mulheres, Florianópolis/1996. Veja-se também, da autora, “Ignez Sabino”, in *Presença Literária*/1997, Porto Alegre: Nova Dimensão, 53-64.

*Corimbo & instrução*, in *Presença Literária* 1998. Rev. da Academia Literária Feminina RS. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1998, p. 71-78.

Original contrato de casamento, in *Presença Literária*/1994. Porto Alegre, Nova Dimensão, 1994, p. 49-55.